

Expansão, colonização, descolonização – duas versões literárias dum processo histórico: As Naus de António Lobo Antunes e Estação das Chuvas de José Eduardo Agualusa.

Sletsjøe, Anne, Universidade de Oslo

[resumo: A apresentação quer discutir o que significa, dentro do contexto literário pós-colonial, o termo *descolonização*. Os textos que servirão de base a este apuramento, são *As Naus* (1988) do português António Lobo Antunes, e *Estação das Chuvas* (1996), do angolano José Eduardo Agualusa. Ambos os livros tratam das várias facetas do processo descolonizador pós-Revolução dos Cravos. No livro de Lobo Antunes, obra sob todos os aspectos muito complexa, o autor descreve – ao introduzir no seu relato também personagens históricas de outras épocas – o regresso dos portugueses a “Lixboa”. Os antigos colonos e donos das “províncias ultramarinas” representam agora os derrotados e expulsos; são os novos imigrantes do “reyno”. A obra apresenta-nos, assim, o processo colonizador ao revés, como mais uma *deslocação* histórica, enquanto a obra angolana, também ela estrutural e culturalmente complexa, mantém o foco no território africano. No contexto histórico-ideológico do último romance, o termo descolonização significa *independência*, a integridade da nova nação. Significa, no entanto, também a necessidade de se definir, a nível nacional e individual, a questão de identidade.]

Além de marcar, obviamente, o fim duma época de colonização, o termo *descolonização* significa muito mais que o processo colonizador reversado. Essencialmente nos casos duma colonização prolongada, realizada por um poder colonizador culturalmente muito diferente do país e do povo colonizados, a época da colonização não deixa de marcar profundamente também o poder colonizador. Assim, a descolonização processa-se sem falta difícil e penosamente para ambas as partes envolvidas. Para o povo colonizado, a descolonização – além da experiência eufórica da independência política, económica e cultural – envolve também uma problemática de ordem ideológica e existencial, visto que a influência colonizadora obriga a uma definição actualizada, ou até uma re-definição, do conceito de identidade nacional. E este, como tal, está intimamente ligado à questão de raça. O processo de autodefinição faz-se em relação não somente ao antigo opressor, que no nosso caso é Portugal, como em relação às várias etnias e culturas nacionais, e ainda àqueles representantes do povo colonizador que decidiram ficar e nacionalizar-se formalmente, por se

sentirem já mais africanos que portugueses. Em consequência disso as antigas colónias portuguesas em África (e sobretudo Angola, Moçambique e Guiné-Bissau), como tantas outras nações recém-independentes da nossa época, passaram directamente da guerra contra os colonos para uma trágica guerra civil.

Os dois romances lusófonos a serem discutidos aqui, o português *As Naus*, publicado em 1988, e o angolano *Estação das Chuvas*, publicado em Lisboa em 1996, são obras do nosso tempo que focalizam diferentes instantes do processo colonizador/descolonizador. São ambos importantíssimos representantes também da literatura pós-colonial numa perspectiva mais ampla, e, como tal, textos propícios a uma análise segundo a teoria pós-colonial. O objectivo da presente apresentação será, no entanto, o de focar em primeiro lugar o valor e as características literárias das duas obras, ao apontar algumas das suas diversidades e semelhanças.

Mundos em interacção – e discórdia

Embora trate dum período histórico de mais que cinco séculos, o romance de Lobo Antunes apresenta-nos, visto de Lisboa, no essencial a história da *descolonização*, da amargura da *partida* dos territórios colonizados, séculos depois da gloriosa descoberta. Descreve a situação dos denominados “retornados”, isto é: o elevado número de portugueses que regressaram a Portugal depois da Revolução dos Cravos em 1974, que marcou o fim das guerras coloniais. O próprio Lobo Antunes passou pela experiência, como a maioria dos jovens portugueses da sua geração, de anos de serviço militar na guerra de Angola, experiência essa que o marcou também como autor; Angola é um tema obsessivo na sua obra literária. Tanto o quinto como o sexto romance publicados, *Fado Alexandrino* (1983) e *Auto dos Danados* (1985) abordam a temática da revolução portuguesa e das guerras coloniais, e vários outros romances têm a guerra em África como um dos seus temas centrais. As suas cartas da guerra, datadas de Janeiro de 1971 a Janeiro de 1973, são organizadas e editadas pelas duas filhas do autor. Publicaram-se em Novembro de 2005, após a morte da mulher a quem eram destinadas. São testemunhos não somente das emoções saudosas e do desespero individual dum jovem médico de 28 anos de idade, como também da alienação geral provocada pela prolongada isolamento geográfica, pela brutalidade e pela sensação geral de se encontrar fora do mundo. Essas mesmas reacções serão depois sofridas pelas suas diferentes figuras ficcionais.

Para muitos dos “retornados” d’ *As Naus*, Portugal significava uma terra incógnita, uma sociedade virada para um futuro entre as outras nações europeias, uma sociedade

moderna e expansiva onde os retornados africanos representam um problema, e onde terão grandes dificuldades de integração; ostentam, além dos problemas práticos e económicos, também uma mentalidade diferente. O autor menciona numa entrevista essa situação:

A questão emergente é a da recusa. Afinal, ninguém quer, realmente, que eles retornem, que venham ocupar Lixboa e o Reyno, que tragam o cheiro de África, que se instalem, essa espécie de portugueses em segunda mão. (Comentário publicado na rede, a cargo de Nuno Barbosa.)

No livro *Os romances de António Lobo Antunes* (2002), que serve de guia de leitura e em que se fazem tanto uma análise como um comentário textual dos 15 primeiros romances do autor em questão, Maria Alzira Seixo elabora, num capítulo intitulado *O retorno inverosímil*, o seguinte resumo do romance número 7 – *As Naus* – e dos “retornados” ali descritos:

Destacados navegadores portugueses (Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, Vasco da Gama e Manuel de Sousa Sepúlveda), reis contemporâneos (D. Manuel e D. Sebastião), escritores (Camões e Fernão Mendes Pinto) e outras personalidades (S. Francisco Xavier e Garcia da Orta), assim como um casal de anónimos fixado na Guiné, agem como personagens de uma intriga que se centra no regresso de todos à pátria por ocasião da revolução de Abril, fazendo coincidir circunstâncias imaginárias do período colonial com o Portugal contemporâneo, em aliança constante, quer no plano da ficção, quer no plano do discurso, e construindo uma divertida paródia dos descobrimentos que faz avultar a sátira contundente dos dias de hoje e a consideração demorada e atenta dos dramas, oportunismos e vicissitudes dos retornados. (Seixo, 2002, p. 575)

Os retornados-protagonistas d’ *As Naus* chegam a Lisboa praticamente sem nada, decepcionados, amargurados, e sem futuro numa existência onde o presente, tanto individual como colectivo, parece já não estar em sintonia com o passado. Já não pertencem, tanto do ponto de vista físico, geográfico e cultural, como do ponto de vista mental, a lugar nenhum. No fim do livro, uma das figuras centrais, “o homem de nome Luís” – que é o poeta Camões, e que é a única figura histórica a não ser parodiado e social e moralmente degradado nesta sua versão ficcional – encontra-se, como tantos outros na tradição saudosista deste país, numa praia esperando inutilmente D. Sebastião.

O romance de Lobo Antunes é, em simultâneo, uma descrição da contemporaneidade e um relato voltado para trás, o relato dum processo histórico estorvado num presente confuso e, para muitos dos seus protagonistas, uma realidade incompreensível. Representa, assim, indirectamente, um esboço tanto sobre a *expansão* do século quinze e a *colonização* subsequente, como sobre a *descolonização* pós-Revolução dos Cravos. É, portanto, um livro

que se concentra no retorno, na vinda, no *fim* dum processo histórico-político. Quanto ao romance de José Eduardo Agualusa, que, em parte, e, a seu modo, se debruça sobre o mesmo conjunto de problemas, abre num tom mais optimista, ao citar as palavras do “pai de Angola”, Agostinho Neto, “em Luanda, às zero horas e vinte minutos do dia 11 de Novembro de 1975” – a hora da independência da nação angolana. É, por sua natureza, um momento solene de optimismo e de reflexão. O livro termina, no entanto, em ruínas e num pessimismo dos mais amargos, com esta afirmação da parte de um dos protagonistas: “Este país morreu!”

Entre o início cheio de romantismo revolucionário e a declaração final dum desespero sem limites, os leitores podem seguir a história de Angola durante um período de 90 anos. O foco está, no entanto, entre os anos de 1960 a 1990, e embora se façam visitas espaciais tanto à Europa como ao Brasil, *Estação das Chuvas* é uma história angolana, virada para os conflitos políticos da jovem nação e para os conflitos entre intelectuais e militares. É uma história extremamente violenta, de opressão, de censura e de tortura. Configura, enfim, o inferno da guerra civil que se apresenta, um caos anárquico em que se mudam rapidamente as posições, e onde os antigos amigos acabam, às vezes, por torturarem os próprios amigos, que se encontram, com frequência por mera coincidência, presos.

Era cada vez mais perigoso sair à rua. Uma tarde assisti a um linchamento. Primeiro passou por mim um albino numa bicicleta, pedalando como um danado. Atrás dele, tripulando um carrinho de sorvetes, vinham dois polícias. [...] Então a bicicleta embateu numa pedra, ergueu-se como uma ave, o albino rodopiou no ar e caiu desamparado. Os polícias saltaram sobre ele:

- Corta-lhe a cabeça – disse o que conduzia.

O outro hesitou:

-Aqui?!

Nesse instante apareceu uma mulherzinha sacudindo um punhado de dólares: “Estou a dar 100!”, gritou. Os polícias trocaram um olhar rápido: “150!” [...] A mulher puxou de uma catana e cortou-lhe a cabeça com dois golpes vigorosos. Depois guardou-a num saco de plástico e foi-se embora. (*Estação das Chuvas*, p. 277)

Como mostra o exemplo em cima das páginas finais do romance, o livro de Agualusa coloca-se, na sua descrição das barbaridades cometidas, longe das descrições do compatriota-autor Pepetela, que sempre conserva, como por exemplo em *Mayombe*, no seu realismo brutal uma pinga de optimismo romântico, como uma protecção contra uma realidade louca.

Ambos os livros compartilham, assim, algo de muito importante, que é, da parte dos seus protagonistas e das múltiplas vozes narrativas, a consciência dum futuro difícil e

inseguro. São, também, obras muito complexas, tanto do ponto de vista dramático como narratológico; apresentam estruturas narrativas que aqui somente se referirão em traços largos, embora elas enformem, e sobretudo no caso d' *As Naus*, o elemento mais interessante da escrita.

O romance de Lobo Antunes é constituído por 18 capítulos não numerados e sem voz narrativa fixa. O grande desafio está, no entanto, na mistura sistemática de diferentes planos temporais. Mais precisamente, o autor justapõe, no decorrer dramático e até na escrita, dentro da mesma oração, a descrição da cidade de Lisboa na época dos grandes descobrimentos e a da mesma cidade depois da queda do regime fascista, como se pode observar deste exemplo do início do texto:

No dia do embarque, a seguir a uma travessa de vivendas de condessas dementes, de lojas de passarinhos alucionados e de bares de turistas onde os ingleses procediam à transfusão de gin matinal, o táxi deixou-nos junto ao Tejo numa orla de areia chamada Belém consoante se lia no apeadeiro de comboios próximo com uma balança de uma banda e um urinol da outra, e ele avistou centenas de pessoas e de parelhas de bois que transportavam blocos de pedra para uma construção enorme dirigidos por escudeiros de saia escarlata indiferentes aos carros de praça [...], perto dos operários que trabalhavam nos esgotos da alameda que conduzia ao estádio de futebol e aos prédios altos do Restelo, de tal modo que os tractores dos cabo-verdianos se cruzavam com carroças de túmulos de infantas e de pilhas de arabescos de altares. (*As Naus*, p. 10)

Quem assim está contemplando a cidade, é o personagem Pedro Álvares Cabral – recém chegado de Angola com mulher e filho depois de 18 anos de ausência. Como se vê, o pano de fundo histórico, ou o ponto de referência temporal, é constituído, neste caso, não somente pelos 18 anos passados desde a ida, mas também pelo desembarque de quase cinco séculos antes. Afigura-se, portanto, necessário para o leitor conhecer de perto não somente a história do país e dos seus heróis mais destacados, como também a transformação secular da fisionomia lisboeta.

Fátima Marinho comenta brevemente *As Naus* no seu estudo *O romance Histórico Português* (1999), fazendo esta observação:

A colocação de personagens com tais nomes (que imediatamente emergem do inconsciente colectivo português) em ambientes degradados e actuais, não só acentua o carácter irónico da evocação, como desmitifica um período da História nacional que raramente é tratado na sua relatividade histórica. (Marinho, 1999, p. 293)

Segundo a autora, o livro em questão apresenta-nos a história de um povo em busca de uma nova identidade, depois de ter sido *obrigado* a desistir da antiga. Marinho faz o seguinte comentário à estrutura narrativa do livro:

A irreverência provocada [...] pela colocação de personagens tidas tradicionalmente como intocáveis e detentores do espírito nacional (D. Sebastião, Camões, o Infante D. Henrique ou D. João II) em situações ridículas ou hiperbólicas (exageradas) contribui para definir o espírito português, no que ele tem de mais saudosista e arreigado (fixado) a um passado mítico e, porque mítico, glorioso. (Ibid., p. 294)

Liberdade e morte

Também o romance angolano integra no seu tecido ficcional várias figuras destacadas (políticos e autores) da história nacional. O fio condutor da acção dramática é, no entanto, a figura (ficcional) da poetiza mestiça Lídia do Carmo Ferreira, nascida em 1928, presa depois da independência, e que, anos depois, já no início da década de 90, desapareceu enigmaticamente. A protagonista nunca faz parte directa da acção dramática; chegamos a conhecê-la somente através dos seus poemas e diários, através das memórias que guardam dela os seus diversos amigos da intelectualidade nacional, e ainda através das conversas referidas pelas diferentes vozes narrativas. Lídia é uma mulher independente e rebelde e tem, como a única personagem do livro, a coragem de falar de raça, enquanto factor genético e mental e ainda como determinante social. Quem vai à procura dela é um jovem jornalista de Huambo, que tem, além da profissão e da origem geográfica, também a idade e a ascendência em comum com o autor Agualusa. O jornalista torna-se gradualmente o narrador mais proeminente do texto; é através da sua procura prolongada que se apresentam ao leitor não somente as bestialidades da guerra civil e da sociedade pós-guerra, como também vários episódios fascinantes da história da sociedade angolana, dos seus numerosos povos e dos seus diferentes ambientes culturais e topográficos.

Tanto o livro de Lobo Antunes como o de Agualusa são exemplos do romance pós-moderno. Maria Alzira Seixo, num artigo publicado em 2003 intitulado “Rewriting and the fiction of history: Camões’ *The Lusíads* and Lobo Antunes’ *The return of the Caravels*”, aponta:

As a specific mode of composing texts, rewriting is rereading manifesting itself as a new composition, where notions such as ‘repetition’, ‘quotation’, ‘imitation’, ‘similarity’ and ‘difference’ become central for understanding the innovatory aspects of the particular literary work.” (Seixo, 2003, p. 75)

A intertextualidade que se pode observar em ambos os textos aqui tratados, sobretudo n' *As Naus*, é bastante evidente, visto que se baseiam, cada um deles, em textos referenciais de ficção. No artigo citado, cujas palavras-chaves são *paródia*, *pós-colonialismo* e *história*, a autora insiste no elemento que mais lhe interessa no livro de Lobo Antunes, que é a sua referência intertextual à epopeia quinhentista de Camões, e à re-escrita que, segundo ela, se faz deste texto no livro de Lobo Antunes:

The intertextual 'palimpsest' (Genette 1982) of *The Return* is the classical epic poem by Luís de Camões [...] which is considered to be a key text of Portuguese cultural identity because of its portrayal of the old empire and major sea voyages. Lobo Antunes' text follows Camões' poem, while differentiating itself from its 'father-text' in many ways. (Ibid., p. 76)

No caso d' *Estação das Chuvas*, que, do ponto de vista formal, se pode considerar um texto pós-modernista menos experimental que o texto português, as referências intertextuais não se fazem a um só texto. Neste caso os textos referenciais são poemas, ensaios e fragmentos de diários de autoria fictícia (a heroína desaparecida), mais ainda textos literários e políticos publicados, escritos por membros da intelectualidade política angolana antes e imediatamente após a independência. Entre eles conta-se Mário Pinto de Andrade, a cuja memória Agualusa dedicou o livro.

Ambos os livros são também, até certo ponto, romances históricos, embora nenhum deles possa caber inteiramente no rótulo desse sub-género romanesco. Fátima Marinho chega, no livro já citado, dedicado especificamente ao romance histórico português, a esta conclusão acerca d' *As Naus*:

Não podendo ser considerado um romance histórico, *As Naus* é um texto que questiona o significado da História, demonstrando a sua intromissão no íntimo de uma colectividade. Ao tentar desmitificar as figuras intocáveis do passado, Lobo Antunes redimensiona a História e o seu discurso, pondo em causa as suas verdades e mostrando as suas piores consequências. (Marinho, op.cit., p. 295)

É o que faz também, embora de uma maneira muito mais directa, ou documental, José Eduardo Agualusa em *Estação das Chuvas*.

A (re)construção do futuro

Como se acaba de expor, os dois livros em questão – o português *As Naus* e o angolano *Estação das Chuvas* – aprofundam a temática “colonização/descolonização” de ângulos

opostos. O ponto de partida é, em ambos os casos, a viragem histórica desde uma situação colonial até à realidade de uma situação que chegou a seu fim. No caso português, que trata de assimilar os “retornados” e de interiorizar, da melhor forma, a ideologia anti-imperialista do novo regime político, a anti-epopeia escrita por Lobo Antunes resulta na reflexão, se bem que paródica e satírica, sobre a identidade da nação portuguesa, e sobre o futuro do povo português. Neste universo de portugueses, “retornados” e africanos não será fácil distinguir entre “eu” e “o outro”. O livro não oferece ao leitor a versão positiva do glorioso passado nacional, nem dá uma perspectiva optimista da sociedade portuguesa do presente e do futuro. Também no caótico universo angolano de Agualusa, como aliás em tantas outras obras africanas do nosso tempo, a terminologia todoroviana deve aplicar-se com cautela.

No caso da *Estação das Chuvas* a insistência autoral para uma reflexão crítica sobre o passado nacional, isto é, sobre a história angolana pós-independência, é mais marcada ainda. O autor não recorre, a múltiplas vozes narrativas contrastantes, nem ao humor, nem à paródia ou à sátira; descreve-nos a ruína económica, ecológica e moral dum país sem futuro, tal como o fez também, num caso paralelo sobre a vida em Bissau pós-independência, o autor guineense Filinto de Barros no romance *Kikia Matcho – o desalento do combatente*. As palavras finais do romance angolano já inicialmente citadas (“Este país morreu!”) não são pronunciadas pelo jornalista, a porta-voz provável do autor. José Eduardo Agualusa já deixou Angola e vive há algum tempo em Portugal, como aliás o faz também José Luandino Vieira. Como leitores suspeitamos que um intelectual angolano de ascendência portuguesa, não será, nem dentro da ficção nem fora dela, considerado porta-voz legítimo da história recente de Angola, que, afinal, não lhe é concedido a autoridade de descrever e analisar a desgraça angolana. Talvez acabe, afinal, por se tornar mais um “retornado”. Seria, então, mais um exemplo irónico da tal deslocação – tanto geográfica como mental – de que nos dá a História tantos testemunhos.

Bibliografia

- Agualusa, J. E. (1996, 5.a ed. 2001): *Estação das Chuvas*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Antunes, A. Lobo (1988, 5.a ed. 2002): *As Naus*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Antunes, A. Lobo (2005): *D’este viver aqui neste papel descripto. Cartas da guerra*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Marinho, M.a de F. (1999): *O Romance Histórico em Portugal*. Campo das Letras, Porto.
- Seixo, M.a A. (2003): Rewriting and the fiction of history: Camões’ *The Lusíads* and Lobo Antunes’ *The return of the Caravels*. *Journal of Romance Studies*, Volume 3 Number 3, pp. 75-92.

Seixo, M.a A. (2002): *Os romances de António Lobo Antunes*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
http://www.citi.pt/literatura/romance/lobo_antunes/ala_86.html. Comentário a cargo de Nuno Barbosa.